

Universidade Federal de Ouro Preto

Curso: Ciência da Computação

Disciplina: EAD700 – Prática de Leitura e Produção de Textos

Professor: Hércules Tolêdo Corrêa

Aluno: Gabriel Catizani Faria Oliveira

Fichamento: **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura**

FONTE:

LEMOS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. *Pesquisa Cibercidades (GPC/CNPq)*, v. 1, n. 1, p. 01-17, sem data.

1 – As práticas sociais emergentes com as novas tecnologias de comunicação nos colocam em meio a uma cultura da conexão generalizada, engendrando novas formas de mobilidade social e de apropriação do espaço urbano (LEMOS, sem data, p. 01).

2 – As mídias contemporâneas instauram processos de territorialização e desterritorialização, a partir da compressão espaço-tempo (Harvey, 1992) e do desencaixe (Giddens, 1991), que criam novas geometrias do poder (Foucault, 1979) e novos agenciamentos (Deleuze, Guattari, 1980) (LEMOS, sem data, p. 03).

3 – Processos de des-re-territorializações constituem o homem enquanto ser “aberto ao mundo”. O próprio do homem é viver e construir, na natureza, o seu mundo. A cultura humana é uma des-re-territorialização da natureza. Desterritorializado, o homem se vale de meios técnicos e simbólicos para reterrritorializar-se, construindo o seu habitat (LEMOS, sem data, p. 03).

4 – O homem luta para sair do estado de abandono e criar um território já que ele não está no mundo com os outros animais (LEMOS, sem data, p. 03).

5 – Criar um território é se apropriar, material e simbolicamente, das diversas dimensões da vida. O Estado e as instituições tendem sempre a manter territórios como forma de poder e controle (LEMOS, sem data, p 04).

6 – A vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada (poder, classe, instituições). A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas (LEMOS, sem data, p. 04).

7 – Se pensarmos em civilizações pré-modernas, o território físico é lugar de controle sobre os aspectos da vida material. Delimitar o seu território significa acesso a bens materiais e defesa contra inimigos. São, no entanto, processos desterritorializantes como a religião e o mito que dão sentido a essa apropriação do território (LEMOS, sem data, p. 05).

8 – Na sociedade industrial moderna, a técnica, como força atualizante, vai expandir os limites desse controle e fazer do mundo um território para gestão científica e tecnológica sob a égide da razão (LEMOS, sem data, p. 05).

9 – Na sociedade pós-industrial agravam-se as crises de fronteiras e, consequentemente, de controle sobre os territórios (físico, econômico, informacional, cultural, subjetivo). A sensação é de uma desterritorialização generalizada. Surgem claramente problemas com os limites (corpo, Estado, identidade) estabelecidos na era moderna (LEMOS, sem data, p. 05).

10 – Note-se que os fenômenos de desterritorialização influenciam-se mutuamente: desterritorializações no campo da política e da econômica podem levar a desterritorializações culturais, simbólicas e subjetivas, e vice-versa (LEMOS, sem data, p. 06).

11 – A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito) (LEMOS, sem data, p. 06).

12 –Para muitos, as sociedades contemporâneas estão imersas em diversos nomadismos (Maffesoli, 1997), em espaços urbanos móveis e inteligentes (Mitchell, 2003; Graham e Marvin, 1996; Meyrowitz, 2004) e em mobilidades sociais (Urry, 2000; Cooper, Green, 2002). Meyrowitz vai mesmo sustentar que a cultura contemporânea estaria voltando à forma primitiva, transformando-nos em “nômades globais na savana digital” (Meyrowitz, 2004) (LEMOS, sem data, p. 08).

13 – Os fluxos globais e a mobilidade atual são, em grande parte, causa e consequência das novas tecnologias móveis, como mostram Sasken (2001), Castells (1996), Graham, Marvin (1996), Wheeler, Aoyama, (2000), entre outros (LEMOS, sem data, p. 08).

14 – A desterritorialização está associada a processos de mobilidade, a partir de mobilidades internas e externas. Estas são as mais facilmente identificáveis, já que se constituem como deslocamento de corpos e de informações (LEMOS, sem data, p. 09).

15 – As cidades estão se transformando em ambientes generalizados de acesso, e os espaços físicos conectados passam a ser indiferenciados, um “não espaço” pan-tópico. O lugar transforma-se, pelo controle e acesso à informação, em um território através de novas formas de controle informacional. (LEMOS, sem data, p. 11). Como foi citado por LEMOS (sem data, p. 11), podemos descrever três tipos de espaços pan-tópicos onde tudo é rastreado, memoriável e controlado: 1. O espaço pan-tópico de rastreamento (sistema de acesso em espaços “inteligentes”); 2. O espaço pan-tópico mnemônico (captura de fragmentos do espaço - fotos e vídeos feitos por celulares - circulados em rede); e 3. O espaço pan-tópico panóptico (lugar de controle e vigilância).

16 – O desencaixe sociocultural e a compressão espaço tempo criam um misto de desmaterialização e descontinuidade (LEMOS, sem data, p. 15).

17 – A desterritorialização cria novas formas de territorialização que movimentam a vida social, podendo agir contra as escleroses das instituições sociais, sendo desestabilizadoras das arquiteturas do poder (LEMOS, sem data, p. 15).

18 – Tentamos aqui compreender como as novas tecnologias de comunicação e informação proporcionam a criação de mobilidades, de linhas de fuga e des-reterritorializações em meio ao controle global da informação por governos, instituições e empresas (LEMOS, sem data, p. 15).

19 – O que está em jogo é a criação de novas possibilidades de sentido para o espaço das cidades contemporâneas através das tecnologias móveis e do espaço eletrônico mundial, o ciberespaço. Compreender essa dinâmica é fundamental para uma visão mais profunda do complexo processo comunicacional contemporâneo (LEMOS, sem data, p. 15-16).